

## **ALFABETIZAÇÃO LONGITUDINAL: SOBRE EXCLUSÃO, ALFABETIZAÇÃO ESCRITA, POESIAS E RIMAS**

### *LONGITUDINAL LITERACY: ON EXCLUSION, WRITTEN LITERACY, POETRY AND RIME*

Margareth Martins de Araújo<sup>1\*</sup>

Mônica Paranhos Coelho<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal Fluminense. Email: margarethmartins1@oi.com.br.

<sup>2</sup>Universidade Federal Fluminense. Email: monicaparanhos@id.uff.br.

\* Autor para correspondência.

Artigo submetido em 01/10/2019, aceito em 25/10/2019 e publicado em 20/12/2019

**Resumo:** Objetivamos, no presente artigo, proporcionar reflexões acerca de alguns movimentos que se estabelecem no referido processo de alfabetização, como as rodas de conversas com professores e as batalhas de rimas com crianças e jovens. O presente artigo é fruto de uma estrada de pesquisa pautada em contextos de emergências, nos quais a sofrência humana nos impulsiona agir a favor dos excluídos e, perceber o tripé: alfabetização, leitura e escrita como ferramenta poderosa, no processo de emancipação dos seres de em situação de vulnerabilidades. O cenário da pesquisa é o Município Duque de Caxias, Baixada Fluminense, considerada por muitos estudiosos como cidade dormitório, mas que também abriga um quadro de professores aguerridos e inconformados com os baixos índices de alfabetização de seus alunos. A opção pelo eixo educação-pobreza nos faz questionar, o motivo pelo qual, crianças e jovens não aprendem a ler e escrever com fluência, se transformam em meros copistas, não têm o gosto pela leitura estimulado e, não vêm sentido na leitura-escrita. A proposta da pesquisa consiste no acompanhamento semanal de professores, crianças e jovens em processo de alfabetização e pós-alfabetização, considerando as suas memórias, criando conexos entre os sujeitos da pesquisa e revelando formas mais adequadas para trabalhar, tendo em vista que o professor como pesquisador da sua prática teve oportunidade de construir conhecimentos para aperfeiçoá-la. Essa junção de conhecimentos, memórias e afeto, contribui para que crianças e jovens tenham a oportunidade de serem protagonistas de suas histórias, compreendendo melhor o mundo em que vivem, com autonomia e, com a certeza de que há outras perspectivas para suas vidas, além daquelas que lhes destinam.

**Palavras-chave:** Educação; Direitos Humanos; Pedagogia Social; Alfabetização; Formação de Educadores.

**Abstract:** This article aims to provide reflections on some movements that are established in the referred literacy process, such as conversation circles with teachers and rhyme battles with children and youth. This article is the result of a research road based on emergency contexts, in which human suffering impels us to act in favor of the excluded and to perceive the tripod: literacy, reading and writing as a powerful tool in the process of emancipation of human beings. in vulnerable situations. The research scenario is the Duque de Caxias Municipality, Baixada Fluminense, considered by many scholars; as a dormitory city, but also home to a cadre of hard-working teachers who are unhappy with their students' low literacy rates. The option for the education-poverty axis makes us question why children and young people do not learn to read and write fluently, become mere copyists, have no taste

for stimulated reading, and have no meaning in reading-writing. . The research proposal consists of weekly monitoring of teachers, children and young people in the process of literacy and post-literacy considering their memories, creating connections between the research subjects and reveals more appropriate ways to work, considering that the teacher as a researcher of his practice had the opportunity to build knowledge to improve it. This combination of knowledge, memories and affection, helps children and young people have the opportunity to be protagonists of their stories, better understanding the world they live, with autonomy and with the certainty that there are other perspectives for their lives beyond those that intended for them.

**Keywords:** Education; Human rights; Social pedagogy; Literacy; Educator Training.

## 1 INTRODUÇÃO

Somos integrantes do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Formação Inicial e Permanente de Formação Inicial e Permanente de Educadores de Jovens e crianças em Situação de Vulnerabilidade Social, PIPAS-UFF. Formamos educadores sociais há dezenove anos no âmbito da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (FEUFF). Buscamos compreender o motivo pelo qual, em nossa sociedade, a violação dos direitos humanos ocorre muito antes da entrada das crianças na escola e perdura por toda a vida. Com base neste viés reflexivo trabalhamos para construir uma formação que considere a exclusão dos excluídos e auxilie no processo de superação das condições de indigência em que se encontram. É por resistência e por ofício que escrevemos; o encontro de ambos se transforma em ação-reflexão-celebração. Revisitar o presente texto traz à tona a percepção da sua atualidade, necessidade e expressividade.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Eis uma pesquisa que se caracterizou como participante-quali-quantitativa, uma vez que foram realizados acompanhamentos, observações diretas e indiretas, buscando interpretar os sentidos que os participantes emprestam em suas ações, na ambiência em que constroem suas ações pedagógicas alfabetizadoras. Com fundamentação teórica inspirada nos

estudos de Freire (2010), Thiollent (2011), Silva (2009), Ferreira (1990), Bakhtin (2017), John Bowlby (2004), Heidegger (1983), Santos (2010).

Somos duas professoras com história de vida profissional marcada pelas adversidades da Baixada Fluminense e favorecida pela complexidade oriunda da indignação com contextos alfabetizadores excludentes, o que torna possível diversas leituras de um mesmo fenômeno. Eis aqui a riqueza deste trabalho.

Por alfabetização longitudinal entendemos o processo permanente que ocorre, ao longo da vida, na busca do tornar-se/descobrir-se leitor-escritor. Trata-se de um processo inacabado por meio do qual revisitamos nossas histórias e memórias na busca incessante de superação.

Compreendemos que o fracasso na alfabetização nunca ocorre sozinho. Ele se encontra atrelado ao fracasso nas demais áreas do desenvolvimento humano, sendo capaz de marcar o ser humano para toda a vida. As Rodas de Conversas e as Batalhas de Rimas funcionam como um antídoto ao processo de interdição vivido, potencializando as pessoas, acreditando nas possibilidades, apontando com esperança para o futuro.

Aceitar o outro na sua legitimidade ajuda na superação de antigos fracassos e amplia a capacidade de conquistar novas formas de ser e de estar no mundo. Olhar para o passado e detectar o quando é possível caminhar ajuda a estimular a autoestima e potencializa os seres.

Descobrir-nos potentes faz parte do processo de superação e deixa para trás o vivido não muito prazeroso durante os primeiros anos de alfabetização. É com Beatriz, professora de uma escola municipal de Duque de Caxias, que aprendemos que:

Só quem teve problemas na alfabetização é que sabe o que significa ler em público... Tudo volta. As mãos tremem, ficam suadas e a voz embargada.

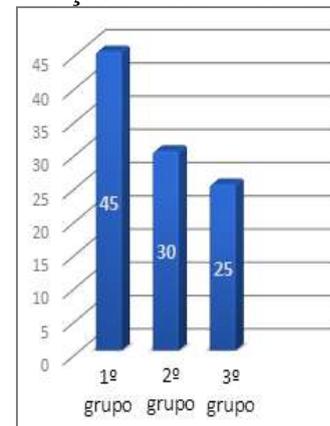
Com ela compreendemos o teor duradouro dos traumas. Eles também acompanham o ser humano por longo tempo, necessitando ajuda para superá-lo. Então, é possível afirmar que os traumas também são longitudinais e provocam danos. Muitos tremem, gaguejam, o coração acelera e tudo volta igual à época da alfabetização.

### 3 PROCESSOS METODOLÓGICOS: MATERIAIS E MÉTODOS

Trabalhamos em nossa pesquisa com quinze professores alfabetizadores ao longo do último ano, todos comprometidos com a tarefa de educar. Côncios de suas funções procuram dar o melhor de si e sabem sobre a importância do que fazem. Todos alfabetizam há mais de cinco anos, e acumularam conhecimento sobre a forma de ensinar a ler e a escrever. Ao utilizarem métodos e técnicas de alfabetização não se dão conta do quanto estão contribuindo para o futuro de seus alunos.

Dada à extensão e abrangência da atividade da pesquisa-ação, implementada junto aos professores alfabetizadores, é possível detectar a formação de três grupos distintos, no que se refere à possibilidade de mudança da prática alfabetizadora. Vejamos:

Gráfico 1: Possibilidade de mudança na ação alfabetizadora



Fonte: Apontamentos do campo

### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observemos o significado da palavra alfabetização, conforme o pensamento de Paulo Freire. O educador e filósofo brasileiro afirma ser o alfabetizando o sujeito do seu processo de alfabetizar, pois é ele o autor das experiências, portando um conhecimento próprio e relacional com o outro e com o mundo. Estes a base de sua alfabetização.

O processo de codificar e decodificar signos nesse mundo relacional é dinâmico e atemporal. Estamos sempre nos alfabetizando, não há um tempo específico para esse processo acontecer, ocorre diariamente até deixarmos de existir.

Freire utiliza o termo pós-alfabetização para explicar a diferenciação da palavra geradora, ainda em processo de alfabetização, do tema gerador. As pessoas que se encontram nesse estágio estão se pós-alfabetizando, significa que se apropriaram de algo o qual faz parte do seu cotidiano, de sua essência, de sua existência, gerando questões com propriedade relacionadas ao assunto.

E está sendo assim comigo e com os outros, com os quais mantenho uma relação de afeto, de respeito e de aprendizagem, por meio da pós-alfabetização.

Trabalhando com jovens, intitulos pela hegemonia cultural, como

pertencentes da cultura marginal<sup>1</sup> e, considerados inaptos pela educação pública formal, ou seja, vulnerabilizados tanto pelo sistema político, educacional, cultural e social faço descobertas. Descubro que é a humanidade que estará vulnerável se não quiser decifrar os vários signos que esses seres considerados “inaptos” transmitem na interação e no diálogo e que nos ajudarão a compreender a nossa missão nessa dimensão.

Com eles estou aprendendo outra leitura e outra escrita de mundo. Uma que é marginalizada por uma sociedade que acredita em uma única escrita/leitura e que, portanto, acredita serem estas inabaláveis. Devemos lembrar que somos seres diferentes em culturas, saberes e nas variadas alfabetizações e pós-alfabetizações. “Não há saber mais, nem saber menos: há saberes diferentes” (FREIRE, 1987, p. 68).

Estou me alfabetizando com eles, na linguagem dos jovens da cultura do hip-hop no mundo digital, mas eles também estão se alfabetizando comigo, quando peço que me ensinem, por intermédio da pergunta:

- *O que isso significa exatamente?*

Eles escrevem! E é no processo de querer escrever “exatamente”, eles me ensinam, algumas expressões como: *mec*<sup>2</sup> – *resenha*<sup>3</sup> – *pistola*<sup>4</sup> – *a i n d i a*<sup>5</sup> – *Pprt*<sup>6</sup> – *Tmj*<sup>7</sup>. Essas são algumas das muitas que não compreendia e sempre os solicitava ajuda. Eles adoram ajudar e ensinar!!!

O interessante nesse processo é que eles não têm vergonha de escrever, muito pelo contrário, adoram escrever, não gostam é de serem julgados. Mesmo escrevendo, ao contrário do que orienta a

gramática, entendo e, se entendo, houve o dialogismo, a compreensão entre as culturas e saberes, melhor, entre gerações. Para ciência de todos, me encontro na casa dos 50 anos e eles na dos 20. Como não os corrijo, eles continuam escrevendo, e isso é ótimo. O importante para eles é que eu leia para que sejam compreendidos, e acredito que isso seja uma forma de manter o código de uma cultura, de um saber, de uma geração, em prol da memória de nossa humanidade.

Mas nesse processo, eles acabam se autocorrigindo, conforme solicita a nossa gramática. Como nos comunicamos mais virtualmente, utilizando mensagens escritas e áudios, devido ao trabalho que fazemos em conjunto – *Roda Cultural Batalha do Minas*<sup>8</sup> e *a Professora Marginal*<sup>9</sup> – na maioria das vezes prefiro escrever as mensagens do que dizê-las e, eles o contrário. Mas sempre peço para que escrevam. Prefiro ler do que escutar as mensagens, pois depende do momento em que me encontro. Além disso, às vezes não é propício escutar mensagens com várias gírias e de vários minutos. Com isso, eles vão visualizando a minha escrita e

<sup>1</sup> Conceito dado aos que estão às margens do sistema hegemônico cultural, é a cultura dos excluídos, dos marginalizados, dos diferentes. Cultura da resistência ou contracultura.

<sup>2</sup> *Mec* significa *tá tranquilo*.

<sup>3</sup> *Resenha* significa  *festa com bebida*.

<sup>4</sup> *Pistola* significa *ficou com raiva*.

<sup>5</sup> *A i n d i a* significa *com certeza vai*.

<sup>6</sup> *Pprt* significa *papo reto*.

<sup>7</sup> *Tmj* significa *tamu junto*.

<sup>8</sup> Devido ao projeto não atender mais os interesses do Colégio-Escola-Comunidade (CEC), vimos a necessidade de realizá-lo na praça ao lado do colégio, cujo o nome faz referência ao mesmo “Praça do Minas”. A professora quis atender à demanda dos alunos e deu início, então, a atividade cultural com apoio de organizações sociais e da Prefeitura de Duque de Caxias. De junho a dezembro de 2018 a professora marginal organizou comissões, abrindo espaços para outras pessoas interessadas na roda e a quem pudesse administrá-la. A partir de janeiro de 2019, a professora marginal está como colaboradora da roda, a mesma que já participa da Liga Estadual RJ em batalha de rimas, proporcionando aos Mcs da Roda concorrerem ao Título Nacional.

<sup>9</sup> Título cunhado pela autora após questionamentos de alunos sobre ela também poder ser “marginal”, por entrar de boné na escola, pois o boné é proibido pela direção aos alunos, alegando que o boné pode esconder o rosto de um marginal. Após esse episódio, a professora se intitula professora marginal por reconhecer em si a marginal que sempre foi. Ela se viu nesse outro, encontrando uma forma de provocar a reflexão entre os envolvidos. Professora das margens.

aperfeiçoando a deles, se autocorrigem portanto, para as próximas mensagens.

Mas também não é garantia de que serão exímios da língua portuguesa, afinal a professora também teve o seu passado amargo com a língua materna, o que deixou consequências. Penso que pelo fato de ter passado por esse processo, a dificuldade que tive tanto na leitura como na escrita me ajuda a compreender esses jovens sem qualquer tipo de julgamento.

Acredito que o papel do pedagogo social com relação a essa temática tem muito mais a ver com sensibilidade, empatia, compreensão, de querer ver o outro feliz, do que exatamente de conhecimento da técnica. Posso até ser julgada por escrever esse texto, mas a falta desses elementos é a realidade da qual esses jovens estão vivendo. Digo isso porque, como já disse, não sou alfabetizadora formada em pedagogia, mas fui uma criança alfabetizada pela tia Regina, uma moça muito amorosa e que alfabetizava crianças em casa. Geralmente a turma não passava de 6 alunos, com certeza deveria ser professora primária, a do antigo normal.

Quando entrei para a escola formal, houve o bloqueio. Como podia uma criança que lia e escrevia perfeitamente na escola da tia Regina, ao adentrar no ensino público, os pais descobrirem que ela possuía dificuldade de escrita e leitura, com necessidade de atendimento fonoaudiológico e psicológico?

Penso que o mesmo que aconteceu comigo deve ter acontecido com muitos jovens, que adentram a uma escola, formalizada e normatizada. Uma escola que não está preparada para acolher aquele novo ser, mas se veem ali expostos aos olhos de todos, imaginando qual tipo de julgamento estão fazendo deles. Esse triângulo escola-aluno-professor, precisa ter afeto, gerar confiança, tendo sempre a alegria como a base.

Quando descubro que um jovem é considerado ruim na escola, possui dificuldade para ler e escrever e, por isso,

às vezes, nem a frequenta mais, porque é repetente e de idade avançada, mas na Roda, na praça, ele mostra que gosta de escrever e de falar, fico atenta, observando o processo...

Eis duas poesias de dois jovens, elogiadas por doutores na minha banca de defesa do mestrado na Universidade Federal Fluminense. A primeira é de um ex-aluno, na época, em 2017, com 16 anos, no oitavo ano, e que foi expulso por motivos de faltas e de mau comportamento. O mesmo, desde então, se encontra fora da escola, mas frequentador da roda.

*Caminhando pelo concreto áspero  
Pois tô cansado de esperar  
Sou prisioneiro de mim mesmo e nunca vou me libertar  
Mas minha mente é liberta  
Eu tenho meu modo de pensar e escolher  
Não tô no game pra perder cifrões  
Faço poesia com emoções  
A cada dia aprendo lições entre razões  
Conquistando corações nos caminhos opções  
Na selva de leões mar de tubarões  
Céu de passarinhos e gaviões  
Tão rápido quanto aviões  
Minha mãe dizia...  
Filho não caia nas ilusões  
A verdade é que nós seres humanos não somos seres bons  
Somos iguais a Transformers então somos Decepticons  
Vimos do outro lado do universo  
Aí tu sabes que meu talento é diverso  
E pra quem desmerecia confirmou no terceiro verso*

(Miguel Ângelo)

A segunda é de um aluno de 16 anos do primeiro ano do ensino médio, em 2017, repetente, faltoso, sonolento, quieto demais... A última notícia que obtive sobre ele é que estava estudando à noite e trabalhando como servente de pedreiro.

*Mas eu falei...  
Mas quando essa semana acabar tudo vai mudar  
Vou sumir...  
Espero não ser fraco ao pondo de voltar  
Não sou certo pra ninguém  
Talvez eu não seja nem para mim mesmo  
Meio sem jeito...  
É esse jeito de vida que me dá sossego*

Dia após dia tento sair da realidade  
 E levar comigo toda minha maldade  
 Tento me apostar o mais rápido possível  
 Para que as pessoas não caiam no meu próprio  
 precipício  
 Busco ficar o mínimo possível  
 Conversar o básico...  
 Para não marcar a vida de quem não me merece  
 como um fardo  
 Minha meta é ganhar o oceano  
 Não me apaixonar em anzol  
 Quero poder ver o sol brilhar mais do que meu  
 isqueiro  
 Respirar um ar que não seja de cigarro  
 Que a cada trago me sinto mais calmo  
 Mas ao mesmo tempo me sinto mais fraco  
 Foi mal pelas promessas que não irei cumprir  
 Mas é um preço que eu corro  
 A droga mata...  
 Mas sem ela eu morro  
 Na madrugada fria só penso no meu passado  
 Por onde caminhei mesmo com pés machucados  
 Vejo um futuro de solidão  
 Mas não tão obscuro ao ponto de me deixar agir  
 pelo coração  
 A única coisa que coleciono  
 É a imagem de cada uma que me deixou um engano  
 Onde chegava a sonhar ter uma vida sem os meus  
 demônios  
 Hoje ela diz que não sente ódio  
 Mesmo assim não me olha mais nos olhos  
 Faz 4 meses que acabou  
 4 meses que ela encontrou um novo amor  
 Complicado...  
 Mas estou pagando o preço pelos meus pecados  
 (Brenno Amorim)

É claro como a luz do dia que algo  
 está errado!!! É muito sério tudo isso!!! A  
 escola não está atendendo às expectativas  
 desses jovens, pior... nem perspectivas... O  
 que fazer então? Essa é a grande questão...

São muitos os desafios a serem  
 enfrentados. Mas como interferir em um  
 sistema educacional que atende aos  
 interesses de uma classe que se mantém  
 por meio da política, a mesma que se  
 encontra no poder, promovida por tal  
 classe?

Por dentro do sistema acredito que  
 será muito difícil. Mas por fora, pelas  
 margens, digo nas rodas, nas associações,  
 nas praças, nas casas etc., é possível. É  
 nesse possível que está o pedagogo social.  
 É neste que devemos depositar a esperança

para que haja o movimento de  
 transformação da sociedade e do sistema.

Acolher esses meninos e meninas é  
 garantir uma abertura, um diálogo com tais  
 seres maravilhosos, que têm mais para nos  
 ensinar do que aprender. Entender que  
 nesse processo de leitura e de escrita  
 dentro da visão de mundo, somos os  
 alfabetizadores de gerações. Estamos  
 alfabetizando e sendo alfabetizados e todos  
 se pós-alfabetizando.

Acredito que essa é a chave para o  
 entendimento ao paradigma dominante e  
 emergente, com o único objetivo: o de  
 formar uma sociedade melhor e mais  
 humana. A mesma que anda tão  
 vulnerável. Essa vulnerabilidade não se dá  
 apenas para aqueles que estão com suas  
 vidas ameaçadas literalmente, expostos às  
 violências geradas pela sociedade. Mas  
 também aqueles que estão salvaguardados  
 por essa violência, expostos a outra pior  
 tão quanto à violência psicológica. É dessa  
 que me preocupo, pois é esta que atinge os  
 jovens do nosso tempo de forma invisível.

A violência psicológica também é  
 gerada pela sociedade, mas não é visível.  
 Pelo contrário, é bastante velada. Nessa  
 perspectiva, os jovens acabam seguindo  
 caminhos tortuosos<sup>10</sup>, cometendo  
 barbaridades para si mesmos. Tomam esse  
 tipo de atitude por não verem mais sentido  
 na vida. Quando o jovem comete tal  
 atrocidade, é porque algo muito traumático  
 ocorreu. Toda depressão tem uma causa,  
 na maioria das vezes está no inconsciente.

Heidegger<sup>11</sup> diz que nós  
 construímos o sentido da vida através das  
 experiências, mas às vezes somos  
 destruídos, mutilados, enterrados vivos.  
 Viramos mortos-vivos, seres massificados

<sup>10</sup> O autoflagelo e o suicídio são caminhos, às vezes,  
 escolhidos pelos jovens por não aguentarem as  
 barbáries que o paradigma dominante comete com  
 eles, levando-os à morte mental ou física.

<sup>11</sup> Recorro à ontologia heideggeriana. Heidegger  
 explica a diferença entre *Ser* e *Ente*, e diz que o *Ser*  
 foi posto no mundo sem sentido para a morte –  
 tradução de *Dasein* em alemão. De Heidegger,  
 Martim. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes,  
 1989.

devido ao barulho do mundo, nos entificamos, deixamos a essência escapar, deixamos de escutar este *Ser* que está sendo construído. “Não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma “morte em vida”. E a “morte em vida” é exatamente a vida proibida de ser vida” (FREIRE, 2005, p. 197).

E por não conseguir construir sentido, se torna um angustiado, um perturbado, pois está à procura de algo que não sabe o que é. Ciente de que a morte é a única certa. Esse angustiado se reclusa esperando dois caminhos possíveis: 1. A Morte<sup>12</sup> ou 2. O Acontecimento.<sup>13</sup> Acerca do “acontecimento”, literalmente, algo acontece. Algo ou alguém te afeta e, com ele, tudo o que estava adormecido, esquecido, enterrado, ressuscita como potência, como uma força motriz ao concretizar as outras possibilidades de ser.

Escrevo sobre este assunto não à toa. Fui surpreendida, na manhã do dia 21/09/19, com a notícia do suicídio de uma ex-aluna. Lembro-me bem dela, uma menina adorável, inteligente. Não quero afirmar e nem provar algo, mas aos seus 21 anos, olhando sua timeline na rede social, imagino a causa de seu suicídio.

Hoje em dia, a falta de perspectiva de um futuro no mercado trabalhador, a falta de um amor sólido, de estar, às vezes, em um ambiente em que ninguém te compreende, o suicídio pode ser a válvula de escape para estes que não conseguem, porque são impedidos de enxergar o universo que há pela frente. É necessário mostrar os caminhos, encorajá-los, elevar a autoestima desses jovens, pois são frutos de um sistema arquitetado, cruel e sanguinário.

A importância de um olhar, de um acolher, de um ouvir é importantíssimo para esses jovens, que quando se veem diante de pessoas que os recebem dessa maneira, algo incrível acontece. Sentem-se

potentes, capazes de acreditar. A esperança é devolvida a eles e com ela a alegria de viver sem medo.

Dentro desse universo estão os jovens que foram mal acolhidos pela escola e pela sociedade como um todo. Por isso a importância do pedagogo social na educação formal e não formal, garantindo a esses jovens o seu maior direito, o de viverem a vida que cada um acredita.

Segue um texto de uma ex-aluna que tentou o suicídio. Ela faz parte da cultura marginal e foi uma das minhas alfabetizadoras.

*É preciso falar do Ensino Médio e o quanto ele nos adoece. É preciso falar que eu entrei num quadro de depressão e o ensino médio influenciou diretamente nisso. É preciso falar. Acabou, porém não posso parar de denunciar a educação que nos trata como máquinas e não como pessoas diferentes umas das outras, que agem e pensam diferente.*

*É preciso falar disso tudo! Mas também é preciso falar que, por mais que a vida seja difícil, nós encontramos no meio dessa jornada pessoas que nos amam e que estarão com a gente em todos os momentos. Isso mesmo, em todos eles.*

*Eu sempre vou falar que 2017 foi o ano em que eu mais amadureci, foi o ano em que por várias vezes eu pensei em desistir, mas eu tinha lá pessoas que me amam e que de formas diferentes estavam ali para me ajudar, me levantar e falar: Resiste, Caroline! Você não é a sua depressão!*

*O meu trio ternura da escola, que me ligava ou mandava mensagem de manhã perguntando onde eu estava, porque sabia que muitas vezes eu não tinha forças para levantar da cama e ir até a escola. E obrigada, Gabriella, por tudo, por todos os momentos com você e com sua família que hoje eu já posso chamar de minha também. Te amo.*

*Alguns professores faziam o mesmo, e por isso eu só tenho a agradecer. Denise e minha Professora Marginal Mônica, vocês são duas grandes amigas que a vida me deu e eu levarei para sempre. E nessa dura caminhada contra a depressão eu não poderia deixar de falar da minha avó, que fez e vai continuar fazendo de tudo por mim. Eu te amo minha incrível supermulher.*

*Minha psicóloga, Bruna, que também em pouco tempo se tornou uma amiga, a quem confio os meus piores e melhores momentos, e sei que quando e para o que precisar ela estará lá. Você é incrível! E por fim, a todos e todas, vocês me dão forças para continuar, para seguir em frente e resistir a esse sistema que nos adoece e nos mata.*

*Com vocês eu não termino em mim mesma!*

*Eu amo todos e a luta não acabou! (Janu)*

<sup>12</sup> Morte no sentido mental ou físico.

<sup>13</sup> O acontecimento é algo que ocorre com o ser humano através do e com o outro ou de algo, intencional ou não, repentino ou não.

Como podem ver, a ex-aluna foi uma vítima desse sistema que não sabe o que significa a palavra “acolher”. Mesmo assim, o sistema não a impediu de passar para História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Boa parte dos estudantes que apresentam problemas de convivência nas escolas procede de ambientes desestruturados. O sistema educacional não pode reforçar ainda mais esta situação. Muitos deles/las estão pedindo que alguém lhes estenda a mão (JARES, 2008, p. 131).

Os jovens estão por toda a parte, nos desafiando a decifrá-los. A juventude é um momento da vida do ser humano marcado por profundas mudanças e a transformação é a tônica. Todo jovem precisa descobrir seu lugar no mundo e é uma tarefa difícil, prolongada e assustadora. É quando os conflitos ganham dimensões amplificadas e os problemas parecem intransponíveis. Todo esse contexto traz à escola o desafio à convivência. É chegada a hora de a escola abrir-se ao aluno, estendendo-lhe a mão, pronta para o diálogo e o acolhimento.

As rodas de conversas, as batalhas de rimas e as poesias são atividades que além de trabalhar a identidade dos jovens, em fase permanente de alfabetização, também são reveladoras do quanto sabem e se orgulham de comunicar o sabido. Perdem o medo de se expor, de dizer o que sentem, como sentem, e porque sentem. É momento de denúncia, mas também de anúncio. Anúncio de novas probabilidades e perspectivas, de novas formas de ser e estar no mundo; de esperança. São atividades que ampliam a autoestima, cooperam para a socialização e, acima de tudo, rompem com o medo de ler em público, adquirido ainda nas primeiras séries.

É pela cultura, pela expressão da arte de cada um deles e pelo autoconhecimento que jovens historicamente excluídos sobrevivem ao

modelo frio de interdição a que são expostos pelas escolas que não os consideram em suas singularidades. Em situação de pesquisa ouvi:

*- O jovem precisa se expressar!*

Partindo de um jovem, faz todo sentido. Como tomarão esse mundo nas mãos sendo tolhidos, ameaçados e invisibilizados?

## 5 CONCLUSÕES

Sobre o artigo - vulnerabilidade, leitura, escrita e alfabetização - entre culturas, saberes e gerações, esperamos ter contribuído no que cerne à Pedagogia Social sobre questões que são caras aos nossos estudos: acolhimento, afetividade, compreensão, dialogismo, esperança e a alegria são alguns fatores importantes para o sucesso de uma sociedade que celebre a vida e não a morte. E para finalizar trazemos uma poesia...

*Não nos enganemos...  
Vivemos em tempos de cólera  
Cólera entre os que aí estão...  
Devido ao mecanicismo de nossos tempos  
Não escutamos mais...  
Não dialogamos mais com o outro  
Ficando este vazio que impera nossos tempos  
Nos enchendo de angústia...  
Às vezes sem saber o que fazer e como fazer  
Tomado por um sentimento de impotência  
No desespero e na urgência de verdades  
Ciente que a morte é a única certa  
Tenta encurtar o sofrimento  
Se exclui, se distancia, se reclusa...  
Viver para quê?  
Mas por uma provisoriedade esperançosa  
Continua permanecendo neste mundo  
Em encontrar outros que aí estão  
Para assim tentar algo descobrir...  
E finalmente o momento mágico dos Seres  
acontece!  
No outro me vejo e nos aceito  
E por amor a nós!  
Nossas existências e nossos devires  
Possuem agora um sentido...  
Uma Responsabilidade...  
E na dialógica dos Seres  
As verdades são passadas entre eles e por eles  
perpetuadas*

*Na intenção de um mundo menos angustiante...  
Mais alegre...*

*E nessa perspectiva continuam*

*Agora com alegria e muita astúcia*

*Insistindo, persistindo e nunca desistindo*

*De nós e dos outros que aí estão...*

*Dialógica dos Seres*

*(Mônica Coelho - Professora Marginal)*

Alfabetização concêntrica é uma categoria cunhada a partir da pesquisa sobre o teor alfabetizados das Rodas de Conversas e das Batalhas de Rimas. Trata-se de um processo por meio do qual os envolvidos se alfabetizam ao alfabetizar. Uma alfabetização local e global, singular e plural a nos revelar o quando descobrimos sobre nós ao descobriremo-nos no outro. E foi assim que a Professora Marginal se redescobriu poeta, voltou a escrever. Professora e alunos se descobriram capazes de escrever outra história.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma Teoria da Prática**. In: Ortiz, Renato (org.). Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. & PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S/A, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **O Educador: Vida e Morte**. São Paulo: Graal, 1985.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 2012.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A invenção do cotidiano 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 1975.

\_\_\_\_\_. FAUNDEZ, Antônio. **Por uma Pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Terra 1985.

\_\_\_\_\_. TORRES, Carlos Alberto. **Estado e Educação Popular na América Latina**. Campinas: Papirus, 1992.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

MARTINS ARAÚJO, Margareth. **Pedagogia Social: Diálogos com crianças trabalhadoras**. São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Conhecimento prudente para uma vida decente.** São Paulo: Editora Cortez, 2012.

\_\_\_\_\_. MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Editora Cortez, 2009.

SILVA, Roberto da & NETO, João Clemente de Souza & GRACIANI, Maria Stela Santos (Org.). **Pedagogia Social: A Pesquisa em Pedagogia Social.** São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Editora Cortez, 1986.